

O MITO COMO FONTE PARA A LITERATURA DE HORROR DE TEOR SOBRENATURAL

Francisco das Chagas Souza Carvalho Filho

Apresentação

As raízes da Literatura de Horror datam de eras longínquas, podendo ser rastreadas em narrativas remanescentes da Antiguidade e da Idade Média, nas quais estão presentes típicas criações do imaginário fértil do ser humano: seres como vampiros, demônios, fantasmas e lobisomens, monstros amplamente utilizados pelos escritores adeptos dessa vertente. A tradição oral tem papel importante na preservação de uma rica quantidade de contos populares, lendas e mitos, alguns deles marcados pelo teor macabro.

Sobre a Ficção de Horror afirma Roberto Causo (2003, p. 99): “Suas raízes míticas, é claro, estão no medo natural sentido pelo ser humano, em face do universo e do poder destrutivo da natureza”. Tal poder tem exercido ao longo dos anos medo e fascínio nos homens. Se o poder da natureza, mais evidente em catástrofes naturais, deixa poderosa impressão na memória das pessoas nos dias de hoje, com todo o conhecimento científico já acumulado, podemos supor o tremendo impacto que ele teve sobre os primeiros homens. Segundo Freud (2011, p. 30):

Nunca dominaremos completamente a natureza, e nosso organismo, ele mesmo parte dessa natureza, será sempre uma construção transitória, limitada em adequação e desempenho. Tal conhecimento não produz um efeito paralisante; pelo contrário, ele mostra à nossa atividade a direção que deve tomar.

Para Freud, o homem não fica engessado diante de suas limitações, mas procura por novos caminhos, que o conduzam ao maior conhecimento da natureza. Frisamos que em tempos mais remotos, quando o ser humano não tinha a resposta para determinadas questões, podia recorrer à criação de uma explicação. E uma das maneiras de construir tais explicações dá-se através do mito, que não criou somente deuses e heróis, pois dele nasceram monstros bastante conhecidos, como o Minotauro, vencido pelo herói Teseu, o Kraken, e serpentes gigantescas.

O Minotauro vivia em um labirinto localizado em Creta, e a ele eram destinados sacrifícios humanos. Jovens provenientes de Atenas serviam de oferenda à terrível criatura. Assim permaneceu até que o herói Teseu derrotou a fera. Auxiliado pela filha do rei Minos, o herói consegue escapar do labirinto. Sem dúvida há muito do elemento medo nessa aventura. Trata-se, afinal, de um ambiente em que estão reunidos sofrimento, brutalidade e tensão, sem falar na própria figura do Minotauro, misto de homem e touro, que pode facilmente figurar como personagem de um conto de horror ou de um filme de terror.

É possível estabelecer uma relação entre Ficção de Horror e o mito, seja nos temas sombrios tratados em numerosas narrativas míticas, seja no largo uso da imaginação ou na presença de uma atmosfera carregada de forças ameaçadoras, especialmente em obras de franco conteúdo sobrenatural: *O Castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole, *Vathek* (1786), de William Beckford, e *Drácula* (1897), de Bram Stoker. Sobre o universo mítico comenta Ernst Cassirer (2005, p. 128-129):

O mundo do mito é um mundo dramático – um mundo de ações, de forças, de poderes conflitantes. Em todo fenômeno da natureza ele vê a colisão desses poderes. A percepção mítica está sempre impregnada dessas qualidades emocionais. Tudo o que é visto ou sentido está rodeado por uma atmosfera especial – uma atmosfera de alegria ou pesar, de angústia, de excitação, de exaltação ou depressão.

Assim como a atmosfera mitológica, a das narrativas de horror transcende a normalidade do cotidiano, nela paira a sensação de que algo extraordinário está prestes a acontecer, e um dos artifícios usados para criar esse efeito é a presença do sobrenatural. Servindo este de fronteira, espécie de universo paralelo; espaço onde o impossível pode acontecer. Acerca do conto macabro afirma Lovecraft (2007, p. 17):

Uma certa atmosfera inexplicável e empolgante de pavor de forças externas desconhecidas precisa estar presente; e deve haver um indício, expresso com seriedade e dignidade condizentes com o tema, daquela mais terrível concepção do cérebro humano – uma suspensão ou derrota maligna e particular daquelas leis fixas da Natureza que são nossa salvaguarda contra os assaltos do caos e dos demônios dos espaços insondáveis.

Há certa semelhança entre os pensamentos de Lovecraft e Cassirer em alguns pontos, principalmente quando os autores tratam da atmosfera existente nas narrativas de horror e mitológicas; vê-se que ambas apresentam uma força que ultrapassa a esfera da vida comum, nas duas é perceptível a ação de forças superiores interferindo sobre as personagens. Em relação à Literatura de Horror, há a presença de uma atmosfera de inquietação e medo pairando sobre o texto, como uma nuvem sombria e misteriosa, mantendo-se um clima tenso a fim de proporcionar momentos de grande aflição no decorrer da obra.

Na passagem utilizada de Lovecraft, o autor detalha as condições para que ocorra a verdadeira Literatura de Horror, orientado por aquilo que alcunhou “medo cósmico”, o que é bastante coerente, tendo em vista seu evidente interesse pelo sobrenatural e por mitologia. Tal

pensamento se ajusta à tendência que escolhemos analisar dentro da Literatura de Horror, mas não se ocupa de outra tendência igualmente importante, aquela em que a crueza da realidade e dos transtornos humanos predominam.

Mito e Horror

Mitos de uma conotação mais lúgubre, que apresentam uma visão mais drástica ou violenta de certos fatos da natureza, e da própria realidade, quer social ou cultural, ou mesmo física, podem ser tomados como uma das raízes da Literatura de Horror. Não são poucos os mitos que abordam assuntos “indigestos” da experiência humana, além de fenômenos naturais e forças além da vontade humana. No mito de Osíris, este deus é assassinado e posteriormente esquartejado pelo seu irmão Set, por inveja. Ísis, a esposa do falecido, vaga pelo mundo em busca dos pedaços de seu esposo, até restituí-lo por completo.

A mitologia de vários povos é recheada de criaturas aterradoras e até de deuses que representam o mal. Os egípcios têm Set, os persas contam com Ariman, os hindus têm Shiva, que não necessariamente diz respeito ao mal, mas à destruição, e os nórdicos têm Loki. Dos monstros listemos os seguintes: a Hidra, monstro grego representado como uma serpente com várias cabeças, o Leviatã, criatura marinha da Mesopotâmia, sem falar em outros seres, como gigantes, duendes, demônios etc.

Tanto o mito quanto a Literatura de Horror são capazes de criar monstros para além da compreensão humana. Em ambos se nota a existência de uma atmosfera na qual forças acima do homem influenciam sua vida. Mas não necessariamente, a ideia de monstro precisa estar ligada ao sobrenatural. Há também a possibilidade de uma monstruosidade moral ou mesmo psíquica. Nem sempre as personagens são criaturas vindas de outra realidade, às vezes elas simplesmente não se encaixam na normalidade.

É provável que o mito em sua origem mais remota implicasse crença, não se tratando, portanto, de simples estórias compartilhadas por determinadas comunidades, a fim de explicar fenômenos de ordem natural ou comportamental. Para o mitólogo Pierre Grimal (2013, p. 07): “Todos os povos, em um determinado momento de sua evolução, criaram lendas, ou seja, relatos fabulosos aos quais durante certo tempo deram crédito – ao menos em algum grau”. Mesmo tendo perdido esse caráter, o mito continuou a servir de referência para filósofos, escritores, pintores e artistas de modo geral.

Uma realidade cheia de enigmas e poderosa influía na consciência dos primeiros homens, estimulando a elaboração de narrativas repletas de magia, de aventura, embates entre heróis e monstros, deuses irados dispostos a castigar os mortais ou deuses benevolentes, apiedados do sofrimento humano. A descrença no mito, em um estágio mais racionalista da humanidade, não deixa de ter suas consequências. Ressalta Carl G. Jung (2008, p. 120, grifo do autor):

À medida que aumenta o conhecimento científico, diminui o grau de humanização do nosso mundo. O homem sente-se isolado no cosmos porque já não estando envolvido

com a natureza, perdeu a sua “identificação emocional inconsciente” com os fenômenos simbólicos. O trovão já não é a voz de um deus irado, nem o raio o seu projétil vingador.

Cada vez mais o ser humano aparta-se da natureza, criando para si uma realidade própria, um mundo artificial. A inclinação para a fantasia perde terreno em um mundo regido pela razão. Não obstante, a literatura prova que ainda existe espaço para a expansão da imaginação criadora, servindo de contrapeso ao excesso de utilitarismo e normatização da vida. O mítico, no entanto, não desapareceu por completo. Sagas como a de *Star Wars* atestam a tendência humana para criar mitos, acreditando ou não neles, pois mais do que narrativas, essas criações trazem consigo valores, condutas, visões de mundo, pontos de vista sobre a experiência humana no planeta, gerando verdadeiros ícones que transcendem culturas e épocas.

Outro ponto de convergência entre o universo mítico e o Horror se encontra na importância atribuída ao papel da emoção nos dois casos, tanto nas narrativas mitológicas quanto nas de Horror. As grandes paixões humanas comparecem, conduzindo a ações passionais, carregadas de impulsividade ou fúria, muitas vezes levando ao descontrole. A curiosidade de Pandora leva à danação da humanidade, Prometeu revela o segredo do fogo aos homens e por isso é severamente punido. No plano da literatura, Victor Frankenstein, na ânsia de vencer o flagelo da morte, dá origem a um inimigo de toda a humanidade, Dorian Gray corrompe a própria alma para conservar sua juventude, espectros do passado transformam para sempre o jovem Jervas Dudley¹.

Cassirer (2005) destaca o mito como um produto da emoção, que tal fundamento impregna por sua vez, todas suas produções de uma cor específica. Ressaltamos que na Ficção de Horror também é marcante a atenção dada à emoção. No universo mítico, como destaca o filósofo, há um senso de unidade que chega a negar e desafiar a morte, sendo que para o homem primitivo ela não passava de uma transição. A Literatura de Horror, a nosso ver, leva-nos ao confronto com a morte, espécie de encontro com o visitante indesejável que possui a chave de todas as portas.

De início, a morte deve ter sido um verdadeiro enigma para o homem, muito antes do pensamento científico. Não havendo maiores informações acerca desse fato da existência humana, os primeiros homens recorreram para respostas sobrenaturais, certamente. E criaram uma gama de rituais e cerimônias, indo desde os mais simples aos mais elaborados. Entre os mais diversos povos da Antiguidade, mesmo antes deles, encontramos ritos funerários, o que comprova o grande peso da morte sobre a consciência humana. Há indícios de que a prática do funeral remonta ao homem de Neandertal²; os egípcios dedicavam atenção especial à morte, não só por meio da mumificação, como elaboraram uma espécie de guia: *O Livro dos Mortos*.

Rousseau (2007), por sua vez, considerava a morte e seus terrores uma aquisição do homem moderno, após afastar-se da condição animal. Para o filósofo, os únicos males

1 Personagem do conto “A Tumba”, de H.P. Lovecraft.

2 In: WHITROW, G.J. *O tempo na história: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 37.

conhecidos pelo homem selvagem eram a fome e a dor. Pensamos que deve ter sido um grande choque a descoberta da mortalidade. Tais especulações acabam por situar a experiência do horror à finitude, dentro da civilização. Não seria de estranhar que despertasse nessa etapa do desenvolvimento humano uma abordagem não só filosófica, como literária, da morte.

Muitos estudiosos, de diferentes áreas do conhecimento, têm se debruçado sobre a questão da morte, refletido acerca de sua influência na psique humana. Ela perpassa nossas vidas, revelando um objeto de meditação para filósofos, teólogos, psicólogos, escritores e cientistas, tamanho o espaço que ocupa no pensamento humano. No que diz respeito à morte no campo do mito, são pertinentes as palavras de Joseph Campbell (1990, p. 44):

[...] um dos grandes problemas da mitologia é conciliar a mente com essa pré-condição brutal de toda vida, que sobrevive matando e comendo vidas. Você não consegue se ludibriar comendo apenas vegetais, tampouco, pois eles também são seres vivos. A essência da vida, pois, é esse comer-se a si mesma!

Nessa perspectiva, a Ficção de Horror, pode ser considerada um agente de conciliação entre a natureza humana e os aspectos brutais da vida, à semelhança do mito. Os escritores de horror lidam com o lado destrutivo do ser humano, com seus traumas e medos, desejos proibidos, delírios de grandeza etc., domadores de pesadelos, expõem aquilo que se quer oculto, às vezes sob o véu do sobrenatural, noutras vezes, através da crua realidade.

Não por acaso, o ficcionista e também ensaísta Stephen King (2013), afirma no prefácio de *Sombras da Noite*³ que essa ficção é um ensaio para nossa própria morte. Ao que acrescentamos, essa ficção oferece ao leitor a chance de degustar experiências extraordinárias sem sair fisicamente do lugar, já que tudo ocorre apenas no plano do imaginário. As situações extremas presentes na Ficção de Horror fazem parte de um jogo sem maiores riscos, mas o jogo de um público específico, disposto a aceitar seus termos.

A morte surge como uma força potente, uma energia a ser concentrada e utilizada de maneira positiva, utilizando diferentes máscaras: o vampiro, o lobisomem, o zumbi, o fantasma, o alienígena, a fera carnívora, o diabo, entre outros. Podendo por vezes assumir o “invisível”, limitando-se a uma presença misteriosa: é o que se verifica em “O Horla”, de Guy de Maupassant, e “A coisa perversa”, de Ambrose Bierce. Essa vertente literária lida com o imaginário das pessoas, apropriando-se de seus temores e das projeções deles para compor um mundo de pesadelos.

Cumpramos ressaltar que há entre o mito e a literatura em si, pontos de convergência que devem ser levados em consideração, por exemplo, ambos são formas de interpretar determinados aspectos da realidade, e nos dois casos existe o uso de uma linguagem poética, além do espaço concedido para a imaginação. Embora a literatura não seja em sua totalidade composta de textos narrativos, boa parte dela é constituída de narrativas: romances, novelas, contos, poemas narrativos etc. O mito se vale de histórias que envolvem deuses, heróis, semideuses e uma

3 Livro de contos

variedade de pequenas deidades, textos recheados de metamorfoses, sentimentos, paixões cegas, dentre outros elementos.

Conforme Rogel Samuel (1992, p. 183): “A literatura, como o antigo mito, participaria da mesma natureza imaginativa de explicação do mundo. A literatura participa da necessidade mítica de explicar a realidade. O mito é uma função da literatura”. Tendo em vista esse parentesco, nota-se como é justificável as origens da Literatura de Horror serem encontradas também nesse estágio da sociedade humana, bem como em contos de fadas e lendas.

Considerações finais

Esperamos ter evidenciado a ligação/relação existente entre a Literatura de Horror e o mito. Procuramos dialogar em particular com o Horror que se nutre do sobrenatural, representado por escritores como Bram Stoker e H.P. Lovecraft, autores de livros emblemáticos para a ficção de horror. O cenário labiríntico encontrado no mito do Minotauro comumente tem sido empregado pelos ficcionistas de horror, como no obscuro castelo de Horace Walpole ou em “A Nova Catacumba”, de Arthur Conan Doyle, e no *Drácula*, de Bram Stoker.

Os seres monstruosos, que parecem saídos de um pesadelo, também na Ficção de Horror assombram os pobres mortais, atacando-os no meio da noite, invadindo seus sonhos. Tanto o mito quanto o Horror dizem muito a respeito da natureza humana, de seus dilemas, medos e desejos. Narciso encantado com a própria imagem, Dorian Gray obcecado pela juventude, a Medusa que transforma em pedra as pessoas, os vampiros e lobisomens que muitas vezes paralisam pelo pavor causado nas vítimas, os espectros, em suma, uma infinidade de seres ameaçadores.

Literatura e mito participariam da “mesma natureza imaginativa de explicação do mundo”, retomando o que disse Rogel Samuel. Compreender a si mesmo, talvez seja essa a razão de algo como a literatura ter sido criado pela nossa espécie. Os temores do homem são postos na mesa pelo escritor de horror, como as cartas de um baralho infernal. Bruxas, demônios, extraterrestres, seres do além, assassinos, robôs homicidas, panteras, mortos-vivos, a lista é longa e variável. Mais do que o medo, porém, é o próprio ser humano que está em questão.

O irracional e o perverso se fazem presente na literatura desde tempos remotos, achando-se representados na tradição oral, com mitos, lendas, contos de fadas, relatos de viajantes. Esses elementos não passaram despercebidos, vindo a servir de fonte para escritores desconhecidos e mesmo para nomes célebres. Essa literatura não se restringe a países europeus e aos Estados Unidos da América, no Brasil, por exemplo, durante o século XIX, escritores como Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Machado de Assis e Aluísio Azevedo, escreveram contos macabros, no século XX enveredaram pelo Horror literatos como Humberto de Campos e João do Rio. Tratando da atualidade, caso atípico de escritor com numerosas obras dedicadas a esse tipo de literatura no Brasil é o de Rubens Francisco Lucchetti.

Ao que parece, o medo e os pesadelos da humanidade permanecerão com um lugar cativo, dando origem a novos contos de horror, a narrativas macabras, a incursões pelo fantástico. Lugares escuros, criaturas horrendas, corações acelerados, respiração ofegante, certas coisas perduram, situações típicas, personagens frequentes, por vezes com uma roupagem inusitada, mas remetendo ao velho temor do desconhecido.

Referência

- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics & Companhia das Letras, 2011.
- GRIMAL, Pierre. *Mitologia grega*. Tradução de Rejane Janowitz. Porto Alegre-RS: L & PM, 2013.
- JUNG, Carl G. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, Carl. G. (Org.). *O homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KING, Stephen. *Sombras da noite*. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- LOVECRAFT, H.P. *O horror sobrenatural em literatura*. Tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *A origem da desigualdade entre os homens*. 2. ed. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2007.
- SAMUEL, Rogel. Literatura, mito e linguagem. In: SAMUEL, Rogel (Org.). *Manual de teoria literária*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

Francisco das Chagas Souza Carvalho Filho

Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação stricto sensu da Universidade Estadual do Piauí (Mestrado Acadêmico em Letras). Além de poeta e contista.